

Todos em um

Por Pedro Venceslau e Débora Bergamasco

Foi-se o tempo em que as grandes reformas jornalísticas eram apenas gráficas ou editoriais. As novas tecnologias operadas a partir da internet transformaram as zonas de convergência de mídia na principal artéria dos grandes grupos de comunicação. O desafio, hoje, é a convivência. Editores das versões impressa e *online* deixaram de operar como ilhas para sentarem-se lado a lado. Twitters, *blogs* e afins tornaram-se tão importantes na vida do repórter quanto o bloco de anotação. Reportagens podem ser postadas dedilhando-se a partir de um telefone celular. Com o furo sendo disputado literalmente minuto a minuto, um novo fluxo emergiu. Antigas

funções foram extintas e um perfil diferente de profissional passou ser recrutado. A *cyber-vanguarda* é formada por jovens nascidos na era da internet e criados bebendo na fonte da convergência de mídias. Mas além de exímios navegadores, o que mais eles são? Esta edição especial do **Jornalistas&Cia** propõe uma pausa para a reflexão. Como esse turbilhão de mudanças está mudando o modo de fazer e o produto final? Quem são e como foram treinados os novos focas? Mestres e aprendizes contam histórias, compartilham angústias e pensam a profissão.



Terremoto via torpedo

Era um dia qualquer de novembro de 1974 quando o repórter **Chico Ornellas**, então um jovem jornalista do caderno geral do Estadão, recebeu a missão de fazer uma reportagem em Araçatuba, no interior de São Paulo. Depois de uma viagem de 600 km a partir da redação, na Major Quedinho, centro da capital paulista, ele, o fotógrafo e o motorista chegaram enfim à cidade e se instalaram em um hotel, onde tiveram que dividir o mesmo quarto. "O fotógrafo carregava duas malas: uma com equipamento fotográfico e outra com equipamento de revelação e transmissão. O banheiro teve que

ser inutilizado para virar sala escura, onde ele revelaria as fotos. Ficou um cheiro horrível", conta. A rotina que se seguiu foi extenuante. Na pré-história da internet, os jornalistas gastavam tanto ou mais tempo para enviar o material do que para o produzir. "Esse tipo de coisa limitava o tempo e as condições econômicas. Era uma alga que impunha limites à produção do jornal. A gente tinha que conversar com a empresa de telefonia para reservar uma linha para a transmissão das fotos. O aparelho de telefoto fazia um barulho enorme. E demorava uns 20 minutos para mandar cada imagem. Depois, era preciso conversar com operador de telex para enviar matéria. O repórter tinha só até às 17h para levantar a informação".

Essa história foi escolhida a dedo por Ornellas, que hoje dirige o Curso Estado de Jornalismo. A título de comparação, ele conta outra, essa recente. **Ariel Palacios**, correspondente do Estadão em Buenos Aires, decidiu comprar

um Blackberry no aeroporto de Buenos Aires, minutos antes de embarcar para o Chile para cobrir o terremoto. Foi quase uma premonição. Ao chegar a Concepción, local do epicentro, constatou que não havia luz, muito menos conexão com a internet. Ariel nunca usou tanto os dois polegares. Ele transmitia a matéria por torpedo, em tópicos, e mandava para a esposa, Miriam, em Buenos Aires, que repassava tudo por e-mail para o jornal. Outro exemplo pinçado por Chico para ilustrar a vida em tempos de convergência de mídia é o de **Renata Miranda**, repórter da editoria de Internacional do Estadão. Há três anos, então uma foca, ela foi cobrir uma crise na Bolívia e produziu de lá materiais diferentes para cada plataforma: um áudio de três minutos para a rádio Eldorado, imagens para a TV Estadão e um texto para o jornal do dia seguinte. Tudo isso graças a um trio que cabe na mochila – *notebook*, câmera digital e um celular que fala em qualquer lugar do mundo.

"Sou de uma geração em que as coisas mudavam muito lentamente", lembra Ornellas. "O Estadão, entre 1899 e 1975, mudou muito pouco na maneira técnica e tecnológica de fazer jornal. As linotipos de 1900 eram semelhantes às que foram aposentadas em 1975. São 75 anos. O Estadão foi um dos últimos jornais a informatizar a Redação. Isso aconteceu em 1989. Mas de lá até hoje, 21 anos, computadores e sistemas foram trocados seis vezes. Quando saí do jornal, em 1988, não havia nenhum computador na Redação. Quando voltei, em 1990, não tinha nenhuma máquina de escrever. Eu trouxe a minha de casa. No Estado, a sinergia é algo que vem acontecendo há tempos. O primeiro processo de convergência de mídia aqui foi discutido em 1992, quando uma consultoria espanhola veio para cá. Hoje, os alunos são convergentes na vida. Há dez anos se falava no jornalismo digital como o carrasco do jornalismo impresso. Hoje não se fala mais

nisso. Estão misturados entre si. O jovem acompanha o jornal de papel, complementa com a internet, acompanha o rádio no trânsito e termina com a tevê".

UMA LUZ AOS ESTUDANTES

A reclamação mais recorrente entre estudantes de jornalismo da "nova guarda" é que as universidades não estão em sintonia com as demandas do mercado. É comum ouvir relatos, por exemplo, de cursos que ainda usam quarto escuro para aulas de fotografia. Mas o que deve fazer o recém-formado que aprendeu em equipamentos anos-luz de distância da realidade das redações? A falta do bom manejo tecnológico será um fator excludente para o candidato a um curso de focas na grande imprensa?

Ana Estela de Sousa Pinto, editora de Treinamento da Folha de S. Paulo, é categórica. "Não, não é excludente. Na seleção a gente avalia apenas se o candidato é uma pessoa bem informada, se é inteligente. Não precisa ter um conhecimento em tecnologia porque aqui ele será completa-

mente treinado para isso". Próximo ponto: e os profissionais que já têm anos e anos de casa ou de profissão e levam pouco jeito com as novas tecnologias? Segundo Ana Estela, é só estar aberto para aprender. Ela conta que, recentemente, toda a equipe da editoria Brasil da Folha passou por um treinamento intensivo. Às vésperas da cobertura das eleições, os jornalistas tiveram que voltar para a carteira para ter aulas de como fazer vídeos usando o celular. Dentro da Folha, essa integração entre jornal impresso, *online* e multimídia extrapolou o plano das intenções. Mas, mesmo fisicamente ligados pela união das redações, ainda engatinha. A editora de Treinamento explica: "Ainda estamos todos aprendendo, estamos tateando para ver a melhor maneira de fazer isso funcionar. Foi uma integração física que terá resultados graduais. O objetivo principal é otimizar o tempo da notícia. Trocar informações e deixar que as ideias corram mais soltas".

O Curso Abril de Jornalismo leva essa otimização ao pé da le-

tra. Lá os profissionais são orientados a pensar em questões digitais enquanto escrevem. **Edward Pimenta**, o coordenador, explica a estratégia: "Entre uma palavra e outra, use a que o Google vai buscar mais facilmente, uma palavra mais curta, mais buscada. Palavras que as pessoas estejam procurando. A Abril segue a lógica do SEO (Search Engine Optimization – otimização de sites). É aquela história de publicar matérias com palavras que serão mais facilmente encontradas nas engrenagens de busca". Ele propõe um desafio: "Digite 'cabelo' no Google". De fato, são da Abril as duas primeiras citações. Propomos mais um teste: a palavra "dieta". Novamente, ponto para a indexação de conteúdo da Abril, com as duas primeiras posições. "Fizemos um estudo sobre o que as pessoas buscam", explica Pimenta. "Hoje é possível dizer que uma mulher em tal idade busca tal assunto; e se ela encontra nossa página ou se cai lá por meio da busca é possível saber a origem do acesso". É preciso, ainda, entender como o "robô"

de busca funciona e facilitar o reconhecimento do conteúdo. "É uma coisa superpolêmica, né? Mas não é um tabu, as pessoas estão fazendo isso e não é só na Abril, não. Fazem em tudo quanto é lugar. Você precisa ser lido, precisa ser buscado; então, desde pequenos os garotos aprendem isso."



Ana Estela de Sousa Pinto

“Os jornalistas terão que fazer vídeo, áudio e escrever. E fazer as três coisas muito bem.”

Ricardo Feltrin, editor-chefe da Folha Online

Além de editor da Folha Online, **Ricardo Feltrin** é colunista de tevê do UOL, colecionador de patos de brinquedo e, dizem por aí, exímio pianista. Começou a carreira batucando em máquinas de escrever, mas não migrou sem traumas para a era digital. Foi um dos primeiros usuários de internet do Brasil graças à aversão de seu antigo chefe, **Nilson Camargo**, à ferramenta, que passava longe do terminal *online* instalado na Folha da Tarde em 1995. Feltrin diz que já estão todos conscientes de que a imprensa precisa de profissionais multimídia. E revela: “Até hoje ninguém se atreveu a resistir a essa doutrina”

Jornalistas&Cia – O que a FOL tem hoje que não oferecia há dez anos?

Ricardo Feltrin – Todo tipo de rede de compartilhamento que não tinha em 2000. Não havia absolutamente nada de vídeo, nem de áudio. A audiência também, obviamente, mudou muito. De 50 mil para 1 milhão de visitantes únicos diários. Hoje, internet é como tevê, ninguém mais vive sem. Tirar a internet das pessoas é como tirar a energia elétrica.

J&Cia – As redações, incluindo a da Folha, estão investindo cada vez mais em vídeos atualmente. Por quê?

Feltrin – É que, com o YouTube,

os vídeos pegaram na internet. E o grande motivo é que era impossível ver vídeo *online* com a internet discada. Com a propagação da banda larga aumentou o espectro de coisas que se faz em áudio e vídeo e jogos. O joguinho FarmVille, por exemplo, não funciona sem banda larga. E há outro obstáculo: há dez anos, o monitor do computador era de 800 pixels; hoje, já temos 1.280 pixels. O aumento do tamanho e da definição das telas ajuda na hora de se pensar em incrementar o sistema usando ferramentas mais complexas.

J&Cia – Quais os próximos passos tecnológicos para o jornalismo na área de sites?

Feltrin – Acho que serão as transmissões em HD. Todos os vídeos em alta definição. A Folha tem esse plano. Mas hoje não adianta transmitir em alta definição porque nem 10% das pessoas veriam essa tecnologia.

J&Cia – Como as novas tecnologias interferem no fazer jornalismo na Redação da FOL?

Feltrin – Na Folha Online, hoje, todos os repórteres podem – e devem – fazer vídeos. Eles estão recebendo iPhones e todo profissional que vai para a pauta leva a equipe de vídeo ou já sai daqui com câmera portátil. Todos passaram por treinamento para isso. Se cair um avião agora na avenida

Piranga o repórter já vai sair daqui com iPhone e nem precisa esperar a equipe de vídeo chegar.

J&Cia – Na hora de contratar um novo profissional, ele tem que ter domínio tecnológico?

Feltrin – Não. Porque a gente treina as pessoas. Assim como aprendem a colocar *link* em uma reportagem, aprenderão a fazer vídeo e a editar. É uma parte diferente do mesmo serviço.

J&Cia – Há resistência em ser três em um?

Feltrin – Até hoje ninguém se atreveu (risos). Não tem mais escolha. O profissional que entra na Folha, ele já sabe que terá que produzir para todos os veículos da casa. Ele não pode mais assumir a posição de “só escrevo em papel”. Acabou isso. Eu sempre penso no exemplo da música. Quando não havia sintetizadores,

todo mundo tinha que carregar um piano elétrico Fender enorme. Em cima desse piano, tinha que colocar outro teclado. Hoje eu tenho um CP 300, da Yamaha, que faz tudo. Acho que é mesma coisa com jornalista. Faz parte da evolução da própria profissão. Antigamente os engenheiros usavam réguas de cálculo. Hoje, usam HP supermoderna. As pessoas que não quiserem aprender as novas mídias estarão fora do mercado. A menos que sejam pessoas extremamente espetaculares. Mas os jovens têm que ter consciência de que são jornalistas multimídia, que terão que fazer vídeo, áudio e escrever. E fazer as três coisas muito bem.

J&Cia – Você é um jornalista anterior à internet. Como foi sua adaptação?

Feltrin – Sou da 9ª turma de

trainees, de 1991, a última a usar máquina de escrever. Daí comecei a usar computadores obsoletos de monitor de fósforo. Uma pesquisa durava dias! Mas fui uma das primeiras pessoas a mexer em internet no Brasil. Porque o UOL instalou um monitor dentro da Folha da Tarde. Mas meu chefe da época, o Nilson Camargo, não gostava de mexer. E de 1995 para cá, eu nunca parei. Apesar de não perceber como e quando, sei que aumentei milhares e milhares de vezes a minha produtividade. Antigamente eu fazia uma matéria por dia, com muito suor. Hoje, se eu fosse repórter de Cidades, faria quatro, cinco, sem o menor problema.

J&Cia – Essa facilidade compromete a qualidade da informação?

Feltrin – A qualidade da informação corre riscos em qualquer vei-

culo: tevê, rádio, revista, impresso ou internet. Se não tomar cuidado na hora da apuração, você faz besteira em qualquer plataforma. Para se ter uma ideia, a quantidade de “erramos” que a Folha Online dá é proporcionalmente igual à da Folha de S.Paulo. Segundo um cálculo que fizemos, de duas a cinco de cada cem matérias que publicamos apresentam erros de informação. Mas erros que não são só da minha equipe. Podem ser da agência de notícias, dos Bombeiros que passaram a história, do PM que falou besteira. No caso do Glauco, por exemplo, vimos três “erramos” seguidos! Primeiro ele havia sido morto em tentativa de sequestro, depois por latrocínio, depois não era nada disso.

“Para nós, não existe fechamento”

Para a nova geração, a disputa é minuto a minuto

Viver hiperplugged é questão de sobrevivência para a geração que nasceu na era da internet. Com a disputa pelo furo sendo travada minuto a minuto, vence quem navegar melhor no oceano de opções do mundo virtual. Com 22 anos de idade e quatro de profissão, **Andreia Sadi**, repórter do iG em Brasília, conta que para não ser “furada” passa a maior parte do dia conectada, mesmo quando está de folga: “Estou sempre com o Blackberry conectado ao e-mail. Abro o Twitter no carro, indo para o trabalho. Para ganhar tempo, sigo os caras que resumem os jornais, como o **Noblat [Ricardo]**. As novas gerações não vão saber o que é papel. Se a Dilma fala às 14h que será candidata, às 14h10

isso tem que estar no ar. Às vezes, quem digita mais rápido leva vantagem na disputa do tempo real. Quem está na cobertura e tem que subir para a sala de imprensa, perde. Para nós, não existe fechamento.”

Thiago Faria, 26, subeditor de Brasil do R7, concorda, mas faz ressalvas: “Estamos sempre



Thiago Faria

nessa briga e isso é importante para nós do mercado. Mas não sei até que ponto isso realmente importa para o leitor. Até porque o horário de publicação das reportagens é facilmente masca-

rável. Na maioria das redações, esse processo de exibir a hora é manual. Não acredito que as redações sérias cheguem a manipular isso; falo porque vejo o extremo rigor que temos no R7, mas num lugar menos criterioso, tudo é possível.” Para ele, o verdadeiro furo é aquele que não se recupera em minutos.

Marina Dias, repórter da Veja Online, vai além: “Além de competir com outros jornalistas, nós competimos com *blogueiros* e *twiteiros*. No universo do jornalismo colaborativo, tem uma galera que passa o dia atualizando o Twitter e navegando em *site* gringo. Isso influenciou muito o modo de fazer jornalismo. As pessoas passaram a escrever de



Marina Dias

forma objetiva, e as informações começaram a ser colocadas de maneira mais segmentada. Além disso, a parafernália tecnológica influenciou na maneira de chamar a audiência. Na multiplataforma tem pra todo mundo.”

FALTA DE TEMPO PARA LEITURA É MITO
Alessandro Geanini, editor de Cinema do UOL, faz parte da

geração que migrou do analógico para o digital. Em seu primeiro emprego, em 1988, a ferramenta de trabalho era uma Olivetti Lexicon. Hoje, põe vídeos na internet com a mesma desenvoltura com que posta mensagens no Twitter. Mesmo sem nunca ter sido um *nerd*, ele diz que não sofreu de um mal que acometeu muitos de seus contemporâneos, a “tecnofobia”: “Nunca tive medo porque sempre fui curioso.” Para ele, a maior conquista da convergência e das mídias sociais foi a democratização dos meios: “A internet democratizou de modo

generalizado os meios de comunicação. O consumidor, hoje, não está mais no escuro. O horizonte do leitor foi bastante ampliado, já que ele não está mais restrito a ler apenas os quatro grandes jornais e as duas maiores revistas do País. De qualquer forma, aqui no Brasil ainda não descobriram o modo definitivo de usar todas as ferramentas disponíveis. Não há um padrão de produção jornalística para o uso dos *blogs*, *Twitter* e afins. Cada um usa de um jeito.”

Quando o assunto é o novo paradigma do texto, Geanini

tem uma postura crítica. “No novo *modus operandi*, tudo virou *hardnews*. Criou-se um mito em torno da tese de que ninguém tem tempo para ler. As matérias mais elaboradas viraram artigo de luxo. A apuração mais profunda ficou para depois por medo de se perder o furo. Dar a notícia primeiro chama mais audiência. Tudo é motivado por isso. A nova geração tem um jeito diferente de pensar. Hoje, apura-se na internet. A fonte primária foi para o saco.”

Já **Dóris Bicudo**, diretora de Redação da Vogue RG, é mais

otimista. Ela acredita que foi justamente essa parafernália tecnológica que proporcionou o regeste do jornalismo mais elaborado, de autor: “Pelo menos na cobertura de moda e comportamento o eixo mudou sem haver colisão. A função da internet é cobrir os eventos em tempo real, e a da revista é contar o clima e mostrar os bastidores. As grandes marcas perceberam isso e também passaram a investir em tecnologia. Hoje é possível assistir a desfiles incríveis em tempo real, pela internet. Isso é uma revolução.”

7 de abril - Dia do Jornalista - Edição Especial

"A civilização fez uma opção tecnológica"*É dura a tarefa de formar as novas gerações*

Em 2002, um grupo de professores tentou fazer uma reforma curricular "radical" no curso de Jornalismo da PUC-SP. A ideia era investir no que chamavam de "eixo tecnológico". Ou seja: apostar na relação entre o homem e a máquina, criar novas disciplinas que abordassem com profundidade a interface com a chamada *cybercultura* e preparar o aluno para a era da convergência radical. O projeto, porém, foi barrado no Conselho Universitário. "Aquilo era muito ousado para a época. O departamento não entendeu que o eixo tecnológico era fundamental", diz **Silvio Mielli**, professor de Processos de Comunicação Alternativa da PUC-SP e um dos coordenadores da futura agência de notícias da universidade. Foi só em 2005 que a caiu a ficha e ela finalmente fez uma reforma curricular para contemplar as novas tecnologias. "A civilização fez uma opção tecnológica. Aquela reforma foi burocrática. Faltou politizar a tecnologia. Cabe também a área de Humanas acompanhar

os avanços", diz Mielli. Apesar dessa defesa enfática, o professor analisa criticamente o impacto das novas tecnologias no mercado de trabalho: "Na época em que eu fazia faculdade de Jornalismo, era uma festa quando alguém conseguia emprego no terceiro ano. Hoje, logo no primeiro ano está todo mundo empregado. A diferença é que eles ganham pouco e trabalham 12 horas por dia. São 'infoproletários'. Os focos de hoje vivem uma concorrência gigantesca não só com outros colegas, mas com as redes sociais. Isso reflete no dia-a-dia de quem produz a informação. Existem novos vetores e atores nesse jogo. Que, diga-se, hoje é pesadíssimo e muito complexo. É preciso estudar muito mais".

FORMANDO UM FAZ-TUDO

Se as redações *online* são hoje um celeiro de jovens profissionais, com editores de 24 anos, por exemplo, esse caminho não tem sido acompanhado pelo quadro de professores de instituições de

ensino. **David Renault**, diretor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, diz que até gostaria de levar gente mais jovem para o corpo de professores da instituição. "Há dificuldades, porque só é possível trabalhar na UnB mediante concurso. E um requisito básico é que os concursos sejam feitos para doutores. Então, não é fácil encontrar tantos doutores com 25, 30 anos".

Renault afirma que a grande preocupação hoje do curso é conscientizar os alunos para a necessidade de ser multifuncional. "Fazemos um trabalho de conscientização do aluno. Alertamos que, no mercado de hoje, não existe mais aquele profissional que vai ser só pouteiro ou só repórter ou revisor. Tem que ser tudo. E é esse profissional que a gente tenta formar. O mercado vai exigir que se produza para o *online*, transmita para o rádio e escreva no jornal".

O curso da UnB foi um dos primeiros a ter no currículo aulas de jornalismo *online*. Em 1998, antes

mesmo do surgimento da FOL, os alunos começaram a aprender e a mexer com essa mídia. Além da parte técnica, Renault diz que os conceitos de noticiário para a internet e de convergência de mídias são inseridos também nas discussões teóricas. Segundo ele, essas questões perpassam por disciplinas como Tecnologia da Comunicação e Teoria da Comunicação, por exemplo. "Sem contar as matérias optativas que eventualmente a gente cria".

Mas para Chico Ornellas, do curso do Estadão, há uma diferença básica entre as universidades brasileiras e as do exterior: "As de fora estão mais preocupadas com a formação do que com a informação. As brasileiras estão essencialmente preocupadas com a informação. Elas informam, mas não formam. Isso ficou claro quando eles caem aqui [no Curso Estado]. Eles dominam a informação, mas não tem formação para processar isso. Sabem tudo, mas não ligam as coisas".

Duas visões: a externa e a doméstica*"Sou uma banda de um homem só"***Adam Ellick**, *The New York Times*

Essa coisa de uma câmera na mão e uma ideia na cabeça é quase nada para quem produz vídeos para o *nytimes.com*. **J&Cia** entrevistou **Adam Ellick**, um dos primeiros repórteres multimídia do *site* do jornal americano *The New York Times*. Ele conta que, além da câmera e da ideia, há cinco anos roda o mundo carregando tripé, luz, equipamento de áudio, baterias extras, roupas e fio dental. Para Ellick, o vídeo *online* somente será um negócio lucrativo quando as reportagens do NYT estiverem disponíveis na tevê, competindo pela atenção da família sentada no sofá.

Jornalistas&Cia – Como foi o começo da produção de vídeos para o *New York Times*?

Adam Ellick – Isso foi há cinco anos. Eu fui um dos seis primeiros contratados para esse trabalho. Vinha de experiências em jornal e revista. O vídeo eu acabei aprendendo depois. E me tornei o primeiro repórter do NYT a produzir vídeos e material para o impresso simultaneamente. Minhas reportagens são sobre relações internacionais. Na maioria das vezes, matérias sobre pessoas.

J&Cia – Foi difícil implementar a produção de vídeo na Redação do *nytimes.com*?

Adam Ellick – Quando começamos, alguns repórteres eram relutantes sobre a criação dos vídeos. Mas temos testemunhado uma grande transformação. Hoje

não temos equipes de vídeo suficientes para satisfazer a demanda dos editores do jornal, que amam os vídeos porque eles aumentam a presença de uma matéria do jornal no *site*. Por exemplo, se você escreve uma matéria, ela ficará no *site* por até cerca de 18 horas. Já o vídeo, ficará por dois, três dias.

J&Cia – Como os vídeos são aproveitados nas coberturas? São complementos ou encenam papel principal?

Adam Ellick – Isso realmente depende da história. A maior parte dos vídeos complementa o material escrito. Eles focam em um recorte da história que seja especialmente visual. Ou seguem um personagem impor-



Adam Ellick

tante. Outras vezes, mas menos comuns, são só o vídeo mesmo. No ano passado, por exemplo, fiz um filme de 30 minutos sobre uma estudante paquistanesa de 11 anos. Eu a acompanhei por seis meses, até o Teleban fechar à força sua escola. Essa reportagem não teve texto. Foi só visual mesmo.

J&Cia – Como é sua rotina? O que carrega em sua mala? Quanto tempo passa fora dos EUA?

Adam Ellick – Em jornalismo não há rotina, né? Há alguns anos eu costumava trabalhar em lugares como Indonésia, Rússia, nações bálticas, Brasil. Mas com a guerra incessante de agora, a maior parte das minhas atribuições é no Afeganistão e Paquistão. Fiquei metade do ano passado nesses dois países. Costumo viajar com uma câmera, um tripé, luz e equipamento de áudio. Além, claro, de baterias extras, roupas e fio dental! Os equipamentos são mais leves e

menores, mas mesmo assim, acabo carregando cinco bolsas. Sou uma banda de um homem só.

J&Cia – Você faz tudo sozinho?

Adam Ellick – Sim, tudo o que eu faço é sozinho: filmo, faço as perguntas, a iluminação e o áudio, edito o material e escrevo a história. Isso é um negócio bastante barato para a empresa.

J&Cia – Quanto tempo seus vídeos levam para ser feitos e publicados? Você também faz vídeos para o dia?

Adam Ellick – Depende da história. Tenho feito vídeos para o dia, sim, com histórias produzidas e publicadas em um dia. Mas também faço matérias mais longas, que levam dois meses. Depende do assunto. Eu arriscaria dizer que a média de duração de um vídeo na minha editoria é de 4 a 5 minutos e que leva de três a quatro dias para produzir. Mas o meu trabalho, especifica-

mente, tende a ser mais longo e aprofundado.

J&Cia – No Brasil, todos os principais sites de notícias já produzem vídeos. Você considera essa ferramenta indispensável para os sites de notícias?

Adam Ellick – O mundo está eufórico com os vídeos *online*. O entusiasmo é crescente. Mas o problema é que ninguém encontrou um jeito de ganhar dinheiro com vídeo na internet. A maioria dos lugares aposta nessa ferramenta com a esperança de que isso se torne algo maior e mais lucrativo. Mas como está agora, ainda não aconteceu.

J&Cia – E como você acha que isso poderia ser aproveitado no futuro?

Adam Ellick – Acho que em alguns anos ninguém vai nem falar "vídeo *online*". Todos os vídeos *online* estarão disponíveis na televisão. E quando você sentar em seu sofá, poderá escolher entre um programa nacional de

tevê ou ver YouTube ou os vídeos do *nytimes.com*. Essa é a direção que temos em mente. É uma vez que isso acontecer, acho que será a esperança para que os lucros cresçam.

J&Cia – E por que as pessoas estão tão entusiasmadas com os vídeos?

Adam Ellick – Uma das principais razões é porque eles ajudam a atrair uma diferente – e nova – audiência. Por exemplo, meus vídeos são exibidos em linhas aéreas, no iTunes, no YouTube e em *sites* de jornais regionais, que compram material jornalístico do NYT. Ou seja, tudo isso permite que jovens que provavelmente não lêem o jornal possam ver o meu trabalho.

J&Cia – É uma revolução?

Adam Ellick – Eu acho que uma verdadeira revolução ainda levará alguns anos, quando as reportagens do NYT estiverem na tevê competindo pela atenção da família sentada no sofá.

7 de abril - Dia do Jornalista - Edição Especial

“O papel ainda é o meio mais seguro de guardar e distribuir uma informação”

Felipe Machado, editor de multimídia do Grupo Estado

Apassionado por tecnologia, mas sem ser técnico no assunto, **Felipe Machado**, editor de multimídia do Grupo Estado, começou suas incursões na internet em 1995, ainda sem saber direito o que era a ferramenta. De lá para cá, aprimorou seus conhecimentos e trânsito na área. Nesta en-

trevista a J&Cia, ele demonstrar apostar na plataforma digital, principalmente com o advento da mobilidade e do iPad, prega a atualização das faculdades de Jornalismo, afirma que o furo será primazia do Twitter, mas não deixa de reconhecer o papel do jornal impresso e a importância do trabalho de edição. E concorda com Adam Ellick quanto ao sofá da família.

Jornalistas&Cia – Um exercício de futurologia: até onde pode chegar a convergência de mídias? Como acha que vai ser, por exemplo, a cobertura da Copa em 2018?

Felipe Machado – Engraçado pensar sobre uma cobertura de Copa

em 2018. Na Olimpíada da China, em 2008, eu trabalhei em sistema “TotalMídia”: fiz vídeos para a TV Estadão; mantive um *blog*, *Ping Pong*; fiz comentários em áudio para a Rádio Eldorado; mantive minha coluna semanal no Jornal da Tarde. Pretendo fazer isso novamente na Copa da África do Sul. Como 2018 está longe, acho que até lá teremos outras ferramentas que hoje sequer imaginamos existir. Na Copa de 2006, ninguém imaginava que o Facebook seria um *site* mais acessado do que o Google nos EUA em apenas quatro anos (isso aconteceu em março de 2010). Tenho certeza, no entanto, de que teremos uma explosão de vídeos, graças ao crescimento da banda larga mundial e a sofisticação cada vez maior dos aparelhos mó-

veis. A cobertura, portanto, terá que ser muito mais multimídia e personalizada, com conteúdo feito sob medida para satisfazer o gosto de cada um com muito mais propriedade.

J&Cia – Vai dar para ganhar dinheiro com isso?

Felipe Machado – Acho que sim. No momento em que, por exemplo, você assistir no celular aos jogos do Brasil (isso já é possível hoje, mas será muito mais comum), clicar em um jogador e poder comprar um bonequinho dele ou uma camisa da Seleção durante o jogo. Só com um clique no uniforme do jogador. E, na parte jornalística, ter o retrospecto inteiro da carreira dele, talvez até ver seus melhores momentos. Será possível acompanhar pelo celular o jogo por um satélite



Felipe Machado

praticamente exclusivo, nos moldes do que fazemos hoje com o Google Earth.

J&Cia – Como as novas ferramentas, plataformas e tecnologias mudaram o jeito de fazer jornalismo?

Felipe Machado – Um exemplo? Em pouquíssimo tempo não haverá mais o furo jornalístico, pelo menos não no formato que conhecemos hoje. O furo hoje vai para o Twitter, *blogs* e rapidamente será de todo mundo. O jornal não terá que mais que dar o furo. Ele terá que explicar, contextualizar, analisá-lo e dizer como esse furo afetará a vida do leitor.

J&Cia – Qual sua relação com a tecnologia? O que usa? Quanto usa? Quando usa?

Felipe Machado – Confesso que gosto muito de tecnologia, mas nunca fui um técnico nem muito bitolado. Em 1995 montei com três amigos uma empresa de internet, época em que ninguém sabia direito o que era. Desenvolvemos projetos em

Java, linguagem que estava aparecendo; o HTML era da época das cavernas... Foi muito legal porque hoje eu entendo melhor como “pensa” a internet. Outro dia fiz a cobertura de um show do Metallica pelo Twitter em tempo real: eu *twittava* cada música e a comentava. Uma garota de Fortaleza me agradeceu porque ela acompanhava pelo Twitter e toda vez que eu anunciava uma canção, ela colocava no som de casa. Assim, ela me disse que entrou totalmente “no clima” do show. A milhares de quilômetros de distância! Isso me dá prazer, eu nem lembro que é trabalhar...

J&Cia – Acha que a nova safra de focas está chegando preparada para o desafio das novas tecnologias? Caiu a ficha das faculdades de Jornalismo?

Felipe Machado – Não sei se as faculdades já estão preparadas para isso, mas deveriam estar. Deveria haver uma matéria chamada *YouTube*, outra chamada *Twitter*. Essa falta de atualização

não tem nada a ver com a obrigatoriedade do diploma. O curso de Jornalismo ainda é o melhor caminho para quem quer ser jornalista. Mas os cursos têm que correr atrás para corresponder a essa expectativa, devem se superar e estar à frente em relação à tecnologia, equipamentos etc.. As faculdades têm que sair da faculdade e ir para a rua, ver o que as redações esperam dos profissionais. Vamos supor que eu vá entrevistar dois candidatos, e que os dois saibam escrever muito bem. Se um deles, além disso, souber filmar (ou pelo menos tiver interesse em aprender) ou editar vídeos, pode ter certeza de que ele será o escolhido.

J&Cia – Qual será o futuro do jornal de papel? Ou o papel do jornal de papel...?

Felipe Machado – O papel do jornal não depende do papel, com o perdão do trocadilho. O jornal de papel ainda vai existir por um bom tempo, até porque o papel é uma das invenções mais perfeitas que

existem. Muita gente diz que ler notícias na internet é muito melhor... Mas e se acabar a bateria do *laptop*? E se não tiver uma rede Wi-Fi para pegar a internet pelo celular? E se não tiver linha de telefone? E se acabar a luz elétrica? E se der pau no aparelho e apagar tudo? Ou seja, são tantos “se” que podem acontecer a arquivos digitais que o papel ainda é o meio mais seguro de guardar e distribuir uma informação. Ele funciona sem luz, sem bateria, sem nada. Por isso ainda vai durar muito tempo.

Dito isso, acho que a grande diferença entre o jornal de papel e o digital vai acontecer quando tivermos a popularização de aparelhos portáteis, como o iPad. Pense bem: um computador de mesa é tão anacrônico quanto um telefone fixo. Se eu posso carregar um telefone comigo o tempo inteiro, por que eu manteria um telefone fixo na minha casa, quando não há ninguém lá para atender? É a mesma coisa com o jornal. Se eu

posso carregar toda a informação em tempo real comigo, por que eu preciso de um jornal (ou de um *laptop* tradicional)? Esses aparelhos móveis vão permitir que vejamos as notícias em tempo real em um “simulador” do papel, vamos dizer assim, sem que seja preciso ter um sistema operacional, Windows ou outro. Um jornal que se atualiza em tempo real e oferece conteúdo multimídia, como um computador, e que você pode levar, abrir e ler em qualquer lugar, como um jornal, seria um aparelho perfeito. Fora isso, você ainda poderia se conectar com amigos (redes sociais), falar ao telefone (Skype), ver fotos, filmes, shows... Hoje eu vejo a foto de um show no jornal e me parece uma coisa tão primitiva... “Peraí, eu quero ver a banda tocando, quero ouvir o som!” Com os aparelhos móveis portáteis será cada vez mais comum ler uma crítica sobre um show e assisti-lo na sequência. E ainda comentar para dizer se o jornalista está certo ou errado, o que nos fará

repensar a profissão. O jornalista tradicional ainda é muito isolado, vive em seu próprio mundo. Ele precisa de um choque de realidade, que vem naturalmente com a interatividade.

J&Cia – Comparação: como era o trabalho do repórter quando começou, no JT? O que mudou? Está mais competitivo?

Felipe Machado – Comecei como repórter do JT em 2000, e confesso que parece outro mundo. Já havia computadores, o sistema de diagramação já era feito no computador. Mas os celulares ainda estavam começando a ficar populares, os *laptops* também. Não havia banda larga, portanto vídeo pela internet era um sonho distante – assim como as câmeras digitais, que ainda eram caras e para poucos. Hoje isso é tão normal que fica até difícil pensar no que mudou. Acho que hoje pensamos de maneira mais “multiplataforma”, e não apenas em quantos caracteres conseguiremos enfiar em uma coluna de texto de uma página. Quanto

ao resto, à parte central, diria que não mudou muito: reportagem é apuração, fonte, pesquisa. A parte de sentar e escrever também continua igual, o branco da página antes da matéria continua branco...

J&Cia – O formato de portais está sendo abolido nos EUA, mas ainda persiste no Brasil. Por quê?

Felipe Machado – Temos assistido a mudanças muito rápidas na internet, na verdade cada vez mais rápidas. Acho que a internet teve uma primeira fase muito clara, onde tudo se encontrava por meio das *search machines* como Yahoo e AltaVista. Depois vieram os portais como o UOL, MSN, Terra. Ou seja, muita informação e pouca orientação. Acho que isso continua até hoje: vejo portais gigantescos, entro lá e pergunto: “para onde eu vou?”. Normalmente é uma sensação frustrante, apesar de ter certeza de que alguma coisa ali vai me interessar – se eu conseguisse encontrar. Hoje temos portais

mais editados, pelo menos é essa a ideia por trás do novo estado.com.br. É importante editar a informação, esse é um grande valor que não podemos perder e culpar a tecnologia por isso. É importante dizer para o leitor o que consideramos importante, até para que ele concorde ou discorde – e comente.

J&Cia – E o papel dos blogs?

Felipe Machado – Eles também cresceram muito, tanto em importância quanto em credibilidade. *Blogs* são órgãos de imprensa pessoais, geralmente, o que dá muito poder para o *blogueiro* – que pode ser usado para o bem ou para o mal, vamos deixar claro. A internet é mutante e muda mais rápido que as outras mídias a que estamos acostumados. A tevê ainda sobrevive como o meio mais popular, mas quando a internet puder ser acessada com facilidade por qualquer tevê da sua casa, acho que teremos uma dinâmica de mídia e jornalismo muito mais rica e interessante.